

CONSAGRAÇÃO BRASILEIRA EM CANNES

BRASIL BRILHA EM

Cannes

» RICARDO DAEHN

A efervescência do carnaval carioca, representada em filme, o Brasil conquistou (em coprodução francesa) a primeira Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1959, com o brilho de *Orfeu Negro*, de Marcel Camus. Ainda no escaldante cortejo da festa da carne, com um filme ambientado em Recife, 66 anos depois, o longa-metragem *O agente secreto*, de Kleber Mendonça Filho, cravou, ontem, dupla vitória no mesmo evento: além do prêmio de Melhor diretor para o cineasta pernambucano de 56 anos, faturou inédita distinção de Melhor ator para um brasileiro, no caso, o baiano Wagner Moura. A Palma de Ouro de Melhor filme ficou com *Un simple accident*, do diretor iraniano Jafar Panahi.

Na primeira exibição de *O agente secreto*, selecionado com 21 outros títulos, 13 minutos de aplausos haviam chamado a atenção para o longa, associado, de pronto, ao vencedor do Oscar *Ainda estou aqui* (de Walter Salles), pelo viés político. No palco, ao vencer o prêmio de direção, Kleber comentou: “Meu país, o Brasil, é um país cheio de beleza e poesia. Estou muito orgulhoso de estar aqui esta noite. Penso que Cannes é simplesmente a catedral do cinema neste planeta”. Ainda no discurso, o diretor emendou: “Eu queria mandar um abraço para todo mundo vindo no Brasil, especialmente Recife, Pernambuco”.

Wagner Moura não esteve presente na premiação, já que está em Londres gravando um novo filme. “Gostaria de estar aí com todos vocês, mas estou aqui sozinho tomando uma taça de vinho, em Londres”, afirmou, numa chamada de vídeo, quando acionado, em frente à imprensa internacional. “Não poderia estar mais feliz por poder trabalhar com o Kleber, estar com ele. Eu tentei trabalhar com ele por anos e estou muito feliz pela maneira como o filme foi recebido. É um filme brasileiro, que significa muito para a cultura brasileira”, disse o ator e criador de filmes emblemáticos como *Marighella* (2019) e *Tropa de elite* (premiado com o Urso de Ouro no Festival de Berlim de 2008), para além de participações internacionais em séries como *Narcos* e a bombástica produção de cinema *Guerra civil* (2024).

No que Kleber Mendonça batizou de vitória de “uma produção orgânica”, *O agente secreto* venceu ainda prêmios paralelos como da Fipresci (Federação Internacional de Críticos de Cinema) e da AFCAE (Associação Francesa de Cinema d’Art et d’Essai), que conglomerada rede de exibidores independentes. Ao longo da semana, o diretor havia comentado da persistência no embargo da voz de quem lhe vinha falar do filme. “Alguma coisa tinha ativado algo muito forte nelas (nas pessoas emocionadas) (...) Acho isso muito significativo. Eu acho que é um filme que fala do passado, fala do presente, fala do futuro”, observou.

Walter Salles, diretor de *Ainda estou aqui*, falou sobre a nova fita premiada. “Ela amplia a cinematografia brasileira, de uma profundeza inventividade, que desvenda um dos períodos mais violentos da ditadura e é movido pela extraordinária polifonia humana do Recife”, avaliou ele, que ressaltou o humanismo do júri. Além da presidente do grupo, Juliette Binoche, o corpo de jurados trouxe profissionais como Payal Kapadia, Carlos Reygadas e Halle Berry.

O CINEMA NACIONAL CONQUISTA PRÊMIOS DE MELHOR ATOR, PARA WAGNER MOURA, E MELHOR DIRETOR, PARA KLEBER MENDONÇA FILHO, PELO FILME O AGENTE SECRETO



Kleber Mendonça recebe a premiação: “Eu queria mandar um abraço para todo mundo vindo no Brasil, especialmente Recife, Pernambuco”

Victor Juca/Divulgacao

Cena do filme *O agente secreto*, com Kleber Mendonça Filho e Wagner Moura

O porquê do sucesso

Um thriller que foge das convenções e afirma a criatividade do cinema pernambucano, *O agente secreto* chegou à reta final do 78º Festival de Cannes como um dos filmes favoritos no bô-lão de apostas ao prêmio máximo do evento, a Palma de Ouro. “Ao contrário do recente *Ainda estou aqui*, de Walter Salles, esse projeto mais virado para o gênero não é sobre raptos políticos — pelo menos, não diretamente (...)”, demarcou, numa crítica, Peter Debruge, da Variety, tida como a Bíblia da sétima arte.

“(Marcelo, o protagonista da trama) é interpretado com um olhar emotivo e, num manto de melancolia e mágoa, por Wagner Moura, num regresso estelar ao cinema brasileiro após vários anos afastado”, detectou o texto da The Hollywood Reporter, que decretou: “Será certamente um dos melhores filmes do ano”. E, nesse caminho, seguem os registros elogiosos da crítica especializada. David Rooney, da imprensa internacional, cunhou que “o novo filme merece colocar Mendonça no ranking dos

maiores cineastas contemporâneos do mundo”.

E sobre o que seria esse aclamado clássico instantâneo? Com passado nebuloso, distante de ser agitador político e sem clara postura de esquerda, Marcelo, o protagonista, busca recolhimento no Recife, enquanto visa sair do país, depois de se juntar ao filho Fernando. O filme tem enredo em 1977 e, pelo que adiantou o *The Guardian*, “passa-se na ditadura brasileira dos anos 1970 e traz brilho visual, intriga sensual, comédia despenteada, fitegurantes macabros e um mistério épico”.

No filme, uma polícia secreta opera e faz frente à comunidade de dissidentes integrada pela anciã figura de Dona Sebastiana (Tânia Maria). Perseguido por Augusto (Roney Villela) e Bobby (Gabriel Leone), Marcelo contará com o resguardo de Elza (Maria Fernanda Cândido). Ex-acadêmico, que trabalhava com engenharia, o protagonista do filme sofre represálias, ao desbaratar um esquema em São Paulo. Fátima (Alice Carvalho), a esposa dele, entra na mira de poderosos. O elenco do longa é



O diretor iraniano Jafar Panahi conquistou o prêmio de Melhor filme

completado por Carlos Francisco, Udo Kier, Robério Diógenes e pelo jovem Enzo Nunes. Sob efeitos visuais de empresa francesa de Alexandre Boiron, preparação de elenco do recifense Leonardo Lacca e figurinos criados por Rita Azevedo, de *Bacurau* (2019), o longa teve direção de fotografia da russa Evgenia Alexandrova (de *As mulheres da sacada* e *Sem coração*) e edição da dupla Eduardo Serrano (Aquarelius) e Matheus Farias (da equipe de *Marighella* e *Casa de antiguidades*), além de design de produção de Thales Junqueira, responsável pelo mesmo departamento, em longas como *Meu nome é Gal* (2023) e *Homem com H* (2025).

Homenagens a cinema não faltam na tela, com citações a *A profecia* e *Tubarão*. Nas resenhas estrangeiras, há comparativos com os cinemas de Sergio Leone, Alfonso Cuarón, Antonioni e Fernando Meirelles, além do sublinhar dos artifícios dos filmes B presentes na fita de clima carnavalesco. John Carpenter, Martin Scorsese e Brian De Palma também povoam as referências a *O agente secreto*.

Outras premiações

Pela sexta vez presente na seleção de Cannes, o diretor iraniano Jafar Panahi, eterno

perseguido político de seu país, venceu a Palma de Ouro do 78º Festival de Cannes, com *Un simple accident*, filme que versa sobre uma potencial vingança de um homem que crê ter localizado seu antigo torturador. Panahi, pela primeira vez, em 15 anos, pôde estar no evento, em que fez discurso libertário, no qual expressou “que ninguém deve dizer aos iranianos o que devem fazer ou vestir”.

Anteriormente, em Cannes, apenas Glauber Rocha (em 1969) venceu o prêmio de direção, enquanto a primeira (e única) Palma de Ouro genuína do país veio com *O pagador de promessas* (1962). Duas atrizes brasileiras já tinham faturado o prêmio de interpretação: Fernanda Torres (por *Eu sei que vou te amar*) e Sandra Corveloni (em *Linha de passe*).

Outro filme situado no Nordeste, *O cangaceiro*, já havia aberto a frente de consagração do Brasil, em Cannes, tendo vencido, em 1953, o Prêmio Internacional de Filme de Aventura. Além de ter integrado o júri, em 2021, Kleber Mendonça Filho teve escalada de sucessos na competitiva de Cannes, em 2019, quando foi laureado com o Prêmio do Júri por *Bacurau*, codirigido com Juliano Dornelles. Seus filmes anteriores — *Aquarius* (2016) e *Retratos Fantasmas* (2023) também marcaram passagens em Cannes.

REPERCUSSÃO



“Os prêmios são um marco importante na história do cinema brasileiro — reconhecimento de uma geração que iniciou na retomada e de políticas públicas que ajudaram ao cinema brasileiro não ser estrangeiro em seu próprio país e marcar nossa identidade no mundo. Que sigamos assim, avançando, expandindo as fronteiras, sendo mais vistos lá fora e no Brasil e com políticas mais assertivas pra proteger a nossa arte e nossa indústria criativa”

JOSÉ EDUARDO BELMONTE, diretor de *O pastor e o guerrilheiro* (2022)



“Meus parabéns a este talento gigante que é o Wagner Moura. Aproveito para relembrar que o vencedor da Palma de Ouro (Jafar Panahi), condenado a seis anos de prisão, motivou um ato de solidariedade do nosso Cacá Diegues (morto em 2025), com estudantes da PUC (Rio), no passado, quando Cacá, amigo ainda de Abbas Kiarostami (outro diretor iraniano, morto em 2016) levou a uma jornada de celebração do Panahi, que reuniu diretores brasileiros como Luiz Carlos Lacerda, Jorge Duran, Ana Maria Magalhães e Helena Solberg. Tragico, aqui, cumprimentos emocionados para o Jafar Panahi (do longa *Un simple accident*)”

SILVIO TENDLER, diretor de *Os anos JK* — Uma trajetória política



“Uma linda vitória para o cinema brasileiro, que confirma a vocação do país para a cultura e para a diversidade; o Kleber Mendonça formou toda uma geração de cinefilos e realizadores em Pernambuco, então essa conquista dele tem um sabor especial: é uma vitória coletiva”

GABRIEL MASCARO, cineasta vencedor do Urso de Prata no Festival de Berlim, em fevereiro passado, por *O último azul*



“É uma alegria ver mais uma vez o Brasil brilhando nos festivais internacionais, que consagram a dimensão de que o cinema é importante, e quanto ele constrói e contribui para a nossa identidade, para a nossa autoimagem e para o nosso sentimento de bem-estar de reflexo social. Então muito auspicioso ver *O agente secreto* premiado, em Cannes, sem dúvida, o principal festival internacional de cinema de arte. E ainda ver o Wagner, que é um dos grandes atores da nossa geração, vencer; e ter a consagração do Kleber (cineasta), que é um diretor fantástico e que faz um cinema tão interligado com a identidade brasileira, é fantástico. Um valor inestimável. E pensando que Kleber foi o segundo brasileiro a ganhar um prêmio de Melhor direção em Cannes. O primeiro foi o do Glauber Rocha. Para quem ainda tem essa vinculação especial (de ser a neta de Glauber), tudo traz um orgulho gigante, uma alegria enorme: pelo Kleber, pelo Wagner e pelo filme”

SARA ROCHA, neta de Glauber Rocha e diretora do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro